

## MEMÓRIA E PATRIMÔNIO: UMA CASA DA ANTIGA CHARQUEADA SANTA BÁRBARA

**RODRIGUES, Marta Bonow<sup>1</sup>; SANTANA, Anelize<sup>2</sup>; FERREIRA, Lúcio Menezes<sup>3</sup>**

<sup>1</sup>UFPel, Bacharelado em Antropologia. [martabonow@gmail.com](mailto:martabonow@gmail.com); <sup>2</sup>UFPel, Bacharelado em Antropologia. [anelizemsantana@gmail.com](mailto:anelizemsantana@gmail.com); <sup>3</sup>UFPel, Departamento de Antropologia e Arqueologia. [luciomenezes@uol.com.br](mailto:luciomenezes@uol.com.br)

### 1. INTRODUÇÃO

Este exercício etnográfico objetiva refletir sobre as relações que os moradores de uma casa da Charqueada Santa Bárbara, situada às margens do antigo arroio homônimo, mantém com a mesma e sobre como essas relações podem ser observadas dentro de uma análise de cunho patrimonial. A área onde se encontra essa propriedade abrange, hoje, um potencial “*sítio arqueológico-histórico composto por um conjunto de edificações em estilo colonial, o qual preserva as características arquitetônicas das charqueadas pelotenses construídas no século XIX*” (ROSA, 2011). Assim, pensando em um cenário de atuais pesquisas arqueológicas, buscamos compreender as preocupações e sentimentos dos moradores em relação à propriedade. Para tanto, trabalhamos, basicamente, com o conceito de Prats (1998), segundo o qual o patrimônio cultural pode ser entendido como “*tudo aquilo que socialmente se considera digno de conservação, independentemente de seu interesse utilitário*”.

Cabe salientar que o estudo mais amplo dessa antiga charqueada será feito no âmbito do projeto “*O Pampa Negro: Arqueologia da Escravidão na Região Meridional do Rio Grande do Sul (1780 – 1888)*”, coordenado pelo professor Lúcio Menezes Ferreira (Departamento de Antropologia e Arqueologia – UFPel). A equipe do projeto integra o Laboratório Multidisciplinar de Investigação Arqueológica (LÂMINA – ICH/UFPel), o qual conta, em seus quadros, com professores, alunos da graduação e pós-graduação da UFPel.

### 2. METODOLOGIA

Para o desenvolvimento deste trabalho, utilizamo-nos, basicamente, de entrevistas realizadas com quatro moradores da casa, no ano de 2010. Além disso, realizou-se revisão bibliográfica, bem como registros fotográficos e registros do trabalho de campo.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A casa da Charqueada Santa Bárbara pertence a uma senhora idosa, da família Simões Lopes, e é habitada, atualmente, por quatro famílias. Apresenta algumas alterações arquitetônicas principalmente em seu interior, pois ao longo dos anos foi dividida e reformada conforme a necessidade dos moradores.

Os habitantes das quatro casas – subdivisões da casa original – são todos inquilinos e alguns residem no local desde seus nascimentos, como foi observado

em entrevistas. Assim, podemos entender que há uma relação afetiva com o local por parte desses inquilinos. Noutros termos, os moradores inscrevem, na casa, parte substancial de suas memórias sociais.

A partir dessas entrevistas com os moradores foi possível abranger alguns significados da idéia de patrimônio.

Uma vez que patrimônio está associado a bens materiais e imateriais (FUNARI; PELEGRINI, 2006), pode-se pensar no envolvimento da memória dos moradores dessa casa para ativar as questões de patrimônio cultural. O local agradável, que “não parece estar dentro da cidade”, como trouxe em sua fala um dos entrevistados, mostra-nos noções de pertencimento envolvendo a propriedade. No momento em que nos deparamos com a fala de mais de uma pessoa que diz não gostar da ideia de sair do lugar em que sempre morou, podemos acionar essas questões de patrimônio e suas imbricações com memórias sociais.

Nas entrevistas realizadas, observamos que os moradores entendem que fazem parte da propriedade, ainda que suas histórias de vida não estejam em uma permanente continuidade com a história da antiga charqueada.

Com esse conceito de pertencimento, podemos levantar questões relativas à memória e identidade, que, segundo Candau (2009/2010), são duas noções intimamente ligadas: “*Não pode haver identidade sem memória.[...] Somente a memória é capaz de alimentar o sentimento de nossa continuidade*”.

Junto ao sentimento de pertencer ao lugar, identificamos o orgulho com que os moradores tratam a manutenção da casa. Um dos entrevistados nos falou que mais de uma geração de sua família habitou o local e todos sempre buscaram manter a fachada original da casa, porque segundo ele, há memória e história de várias pessoas vinculadas a ela. Da mesma forma, outros moradores nos relataram que se sentem como parte do local, com “raízes” fixadas ali, e, por isso, têm a necessidade de preservar a casa. Funde-se, assim, a história do prédio com a história de vida dos próprios moradores. Há uma identidade formada a partir de suas experiências na propriedade.

Assim, podemos compartilhar com Gonçalves (2009), quando nos fala que a ênfase dos bens patrimoniais está nas relações sociais e simbólicas. Quando trazemos a questão da casa antiga, não estamos somente observando um prédio, não buscamos o interesse na edificação em si. É um bem material, mas o que está em questão são as relações sociais e familiares que ocorrem dentro dessa propriedade ao longo dos anos. Nota-se, através das narrativas, que os inquilinos consideram-se quase como proprietários do local; orgulham-se de tentar preservar a casa e nos contam histórias que fazem referência a antigos pomares, hortas e jardins.

A re-significação da casa, desde sua origem dentro de uma charqueada, até os dias atuais, com todas as intervenções sofridas na estrutura, podem lembrar as palavras de DEBARY (2010), que nos fala sobre objetos domésticos com uma história própria. Os objetos por si só não têm história. Quem a faz são os seus proprietários e usuários. A história da casa da charqueada é a história de seus moradores.

Dominique Poulot (2008), utiliza as palavras de André Chastel para falar sobre patrimônio: “... o patrimônio se identifica pelo fato de que sua perda constitui um sacrifício e que sua conservação supõe sacrifícios.”

Dessa forma, quando falamos de patrimônio, devemos ter em mente que a patrimonialização supõe a utilização de algumas memórias ativadas em detrimento

de outras, que são esquecidas. A memória é um fator importante para a patrimonialização.

Deixaremos claro, contudo, que não é nossa pretensão, aqui, julgar se a casa é passível de patrimonialização ou não, apenas pretendemos fazer um exercício no sentido de entender o significado desse bem na vida dos habitantes locais, utilizando alguns conceitos de patrimônio, memória e identidade.

Uma série de outras entrevistas com moradores e ex-moradores da casa, suplementadas pela historiografia, arqueologia e outras ciências afins, são necessárias para que ocorra a preservação do local, bem como a manutenção dos inquilinos nessa propriedade, já que parece, através das entrevistas, ser este o anseio dos mesmos.

Além disso, será necessária uma entrevista com a proprietária, ainda não realizada, pois não sabemos se existe uma ligação emocional da mesma com o lugar, como já a identificamos com relação aos inquilinos da casa.

#### 4. CONCLUSÃO

A partir dos conceitos utilizados ao longo do trabalho, podemos fazer a relação entre um bem material, uma casa – que poderia se enquadrar em um estudo de patrimônio material –, com todas as relações sociais envolvidas nessa propriedade, atingindo, assim, uma área que pode estar inserida em questões de patrimônio intangível.

Dessa forma, a memória dos entrevistados foi ativada e aspectos referentes à estrutura material da casa foram trazidos, bem como diversos relatos sobre as relações familiares e sociais que ocorriam (e ainda ocorrem) na propriedade.

Entramos em um mundo que pertence aos inquilinos da casa, os quais podem ser considerados os “detentores” da história do local, que se entrelaça com sua própria história de vida.

Entremeando conceitos teóricos, podemos observar que todas as relações sociais, bem como os relatos dos bens materiais, fazem parte da vida dos moradores da casa.

Portanto, a memória da propriedade está viva nos relatos dos habitantes, ainda que, para muitos observadores externos, poderia ser apenas considerada mais uma casa velha.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDAU, Joël. Bases Antropológicas e expressões mundanas da busca patrimonial: memória, tradição e identidade. **Revista Memória em Rede**. Pelotas, v. 1, n. 1, pp. 43-58, dez.2009/mar.2010.

DEBARY, Octave. Segunda mão e segunda vida: Objetos, lembranças e fotografias. **Revista Memória em Rede**. Pelotas, v. 2, n. 3, pp. 27-45, ago-nov.2010.

FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra C. A. **Patrimônio Histórico e Cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

GONÇALVES, José R. S. O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (orgs.). **Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003. pp. 21-29.

POULOT, Dominique. Um ecossistema do patrimônio. In: CARVALHO, C. S. de; GRANATO, M; BEZERRA, R. Z.; BENCHETRIT, S. F. (orgs.). **Um olhar contemporâneo sobre a preservação do patrimônio cultural material**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2008. pp. 26-43.

PRATS, Llorenç. El concepto de patrimônio cultural. **Política y Sociedad**. Madrid, 27, 1998. pp. 63-76.

ROSA, Estefânia J. da. **Memória, identidade e território na constituição do sítio arqueológico “Charqueada Santa Bárbara”**. Trabalho final da disciplina “Identidade e Memória na Constituição de Territórios”, para o Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da UFPEL. 2011.